

O MENINO DESVIADO

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba¹

Anda direito, cadê o respeito?
Tira a mão da cintura!
Seja mais firme! Fala mais grosso!
Pegue o estilingue.
Toma jeito seu moço!

Vá jogar bola, brincar de carrinho,
matar passarinho,
homem não chora!
Não fale mansinho!

Roxo não pode, lilás também não
rosa piorou! Vermelho então...
Filho meu não! Filho meu é durão.
Azul, preto e cinza, ou quem sabe um marrom.

Sem delicadeza, fala mais grosso!
É melhor ficar quieto, se não for para ser moço.
Sua mãe já dizia: - Menino esquisito!
Tão leve quanto plumas, perna de palito.

Mirrado e magrinho, força não tinha.
Corrida não dava, futebol também não,
pesca, peteca, caratê, bicicleta, nem pensar natação.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras Português/ Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. E-mail: adson312@gmail.com

Deixe a boneca, sai da casinha!
Menino toma jeito! não faz isso não.
Isso é coisa de mocinha!
Estilingue na mão, passarinho no chão.

Garoto eu já disse, endireita esse corpo!
Preste atenção, faça como os garotos!
Menino abobado, descruza essa perna,
sente-se como homem! Não como uma donzela.

Sua mãe é culpada, não lhe mete o chicote.
Se eu te pegar garoto, eu te esmago baixote!
Castigo não adianta, falar já não sei!
Acode mulher, que o limite extrapolei.

Filho meu não! filho meu não é desviado!
Ou vive no eixo ou é deserdado.
Acode mulher! Pois a culpa é sua,
Joãozinho pula corda, no meio da rua.

Pegue o estilingue, passarinho na mira
O vim-vim está ali, vá logo! Atira!
—Não consigo papai! — disse Joãozinho chorando,
com os olhos marejados
e as mãos o rosto tampando.

Menino aprenda, homem não chora!
Menina que berra, menina que enrola
Homem que é homem, não tem euforia
Segure o estilingue como Davi, derrubou Golias.

Papai não consigo! — disse o menino afobado,

que num passe ligeiro, correu desesperado.
O galho não viu, tropicou e caiu,
rolou barranco abaixo e no Rio Paraguai sumiu...

Joãozinho responda! Não consigo te ver!
—disse o pai choramingando, no chão a sofrer.
As pernas sem forças, como plumas ficaram
E a torrente de lágrimas o chão encharcaram.

O abraço não dado, o beijo refutado,
a essência perdida, os brinquedos negados
a voz silenciada, o coação apertado.
Faziam de Genaro um pai enlutado.

Na época da cheia, é Genaro que chora
O rio enche de lágrimas e as praias vai tomando.
Sadai, Daveron, Julhão e Ximbuva logo vão embora
e aparecem os barcos rio adentro navegando.

Os cacerenses pensam que é chuva, mas de chuva nada tem.
É Genaro castigado, lamentando o filho que não mais tem.
Paraguai não tem culpa, a culpa é dos pais!
Pois o filho não zelaram, e agora desconhecem a paz.

Finalmente Joãozinho agora pode brincar,
faz casinha com as nuvens e colares de estrelas.
Com os pássaros e peixes, ao som de flautas doces
e violas de cocho adora cirandar.

A voz doce nunca mais calada,

cantos gregorianos pode cantar,
o timbre ecoa pelo limbo,
assim como o pio do vim-vim na beira do cais.
Joãozinho agora é livre, Joãozinho descobriu o que é amar.

Cria enredos com longas histórias para suas bonecas de marfim,
usa roupas de seda, coloridas, púrpura, salmão e carmim.
Lá no limbo não há regras, todos podem ser o que quiser.
Menino, menina, peixe, passarinho ou jacaré.